

# Brasileiro: Povo Que Alimenta Corruptos

**Luiz Carlos Rodriguez**  
**29 de setembro de 2011**

*Um povo de ovelhas gera um governo de lobos.*

A filosófica sentença acima foi por nós lida, no último dia 20, num cartaz empunhado por manifestante na Marcha Contra a Corrupção, realizada na Cinelândia, Rio de Janeiro. Geraram-se falsas expectativas de que o número de participantes cariocas naquele evento atingisse a multidão estimada em 30 mil pessoas, mais coerente com a seriedade e gravidade do assunto. Todavia, mesmo 2,5 mil almas já nos animaram, considerando-se a irreverência do malandro carioca.

Há que se ter em conta, também, que era um dia útil da semana e que poucos são os “trabalhadores-contribuintes” a se darem conta da matemática da corrupção. Talvez nem nossa “governanta” tenha parado para pensar no astronômico valor de impostos que nos são cobrados, sem que se saiba o quantum que dessa dinheirama é aproveitado em benefício da população carente do beneplácito de seus governantes e governantas. Não é nada, não é nada, até os dias de hoje, no corrente ano, os poderes federal, estaduais e municipais, já encaçaram cerca de R\$ 1 trilhão.

E pra quê? Cadê os médicos, hospitais, ambulâncias, escolas, professores, e ou policiais nas ruas? Cadê os tapa-buracos? Cadê as obras contra enchentes e catástrofes periódicas? Será que essa coisa (corrupção) não tem nada a ver com o caos sistêmico que sofremos no que se refere aos essenciais serviços públicos? A quem caberia, entonces, acordar a opinião pública? É bem verdade que a imprensa tenta cobrir essa lacuna.

Muito papel e tinta vêm sendo gastos para cobri-la. Mas há que se ter em conta o baixo nível intelectual da opinião pública, mesmo daqueles que freqüentam as páginas dos jornais. Poucos se demoram na leitura da opinião dos cronistas, que queimam seus neurônios em busca da maneira mais coercitiva de mostrar que algo está errado neste País, malgrado o otimismo que a propaganda lulopetista teima em apregoar. Ocorre que nós, os cronistas, não temos como persuadir o povão a, pacientemente, nos ouvir ou, no caso, nos ler e entender.

Talvez o problema da aceitação da corrupção por parte dos fieis contribuintes esteja no simples fato de que o ato de desviar dinheiro público não está catalogado como pecado capital. O raciocínio que permeia a opinião pública, difundido pelos corruptos é elementar: se o dinheiro dos impostos é público, sendo o corrupto um ente público ele tem o direito de usá-lo da melhor maneira que lhe aprouver. Entences, se corrupção não é pecado, por que, cargas d'água os cristãos haveriam de com ela perder o sono?

Seria o caso das estrelas do mar, expulsas pelo mar revolto. Foi essa a indagação feita por um escritor ao ver um jovem catando alguns espécimes lançando-os de volta ao seu habitat: “Você está querendo ser diferente, tentando demonstrar seu intento em salvar essas centenas de milhares espalhadas pela praia?” O jovem, aparentemente alheio aos “conselhos” recebidos, resgatou mais uma estrela do mar e a lançou vigorosamente de volta ao mar, ao mesmo tempo em que respondia: “Para essa aqui, eu fiz a diferença!”

Entendemos que os sacerdotes, bispos e espíritas, formadores de opinião da cristandade, deveriam, sim, entender que erradicar a corrupção seria uma nobre missão nos tempos modernos, malgrado esse mal não tenha sido abordado pelos antigos evangelistas. Nossa tese parte do sucesso dos autores de livros religiosos, comprovado pela PublishNews, que relacionou as obras mais vendidas: “Ágape”, do padre Marcelo Rossi, em primeiríssimo lugar; “A vida sabe o que faz”, da espiritualista Zibia Gasparetto, em terceiro; e “Tempo de esperas”, do padre Fábio de Melo, em quarto.

Seriam esses mestres no uso da palavra, essencialmente voltados para o bem comum, os mais indicados para introduzir a teologia da limpeza moral e persuadir o povo, que sofre diretamente do mal gerado pela corrupção, a entender que é o seu ingênuo voto que sustenta o covil de corruptos que almejam impiedosamente devorá-lo.

**Observações:**

- 1) O autor é Engenheiro e Membro Correspondente da Academia Brasileira de Defesa em Belém.**
- 2) As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento da ABD**